

Piora condição de saúde dos índios brasileiros

Deise Leobet
de Brasília

Depois de séculos de descaso, os cerca 320 mil índios brasileiros remanescentes aguardam com ansiedade mudanças na política nacional de saúde. Indigenistas e organizações não-governamentais (ONGs) afirmam que a assistência à saúde indígena passa por um dos momentos mais críticos da sua história.

“Nos últimos dois anos houve uma sensível redução no volume de recursos federais para a área indígena e uma presença bem menor de instituições do governo nas aldeias”, afirma o secretário-adjunto do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Roberto Liebgott. Dados do Cimi apontam que foram registradas mais de 40 mortes de ianomâmis nos últimos anos. No Acre, um surto de cólera matou oito índios. No Amazonas, nove tikunas morreram por uma doença intestinal.

Na tentativa de evitar novas tragédias, o governo pretende implantar, ainda no primeiro semestre de 1999, um novo modelo de assistência à saúde para os 170 povos indígenas do País. Até fevereiro, existe a promessa de criação dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI), núcleos regionais de saúde que abrigarão equipes de médicos e enfermeiros que ficarão 24 horas por dia à disposição das aldeias. Eles definirão políticas de assistência à saúde das aldeias, em conjunto com a Fundação Nacional do Índio (Funai), a Fundação Nacional de Saúde (FNS), ONGs, estados, de municípios, e os próprios índios.

“A idéia é implantar os primeiros núcleos nas áreas mais carentes do Norte e do Nordeste, onde se concentra o maior número de aldeias”,

Índios no Brasil

População em 1500:
1,3 milhão

População atual:
320 mil (o equivalente 0,02%
da população total)

Maior etnia:
Guaranis (30mil)

Menor etnia:
Xetás (06)

Número de aldeias:
cerca de 3 mil

Total de povos indígenas:
170

Total de áreas indígenas:
547 (cobrem 94.091.318 hectares,
cerca de 11% da área total do País)

informa Ubiratan Moreira, diretor do Departamento de Operações da Fundação Nacional de Saúde. A criação dos distritos sanitários é uma antiga reivindicação dos povos indígenas para garantir o tratamento e a prevenção de doenças levadas pelo “homem branco” até as aldeias. Ela foi aprovada em 1993, mas nunca foi implantada. Embora disfunções respiratórias, infecções intestinais, surtos de cólera, malária e leishmaniose já façam parte do cotidiano dos índios, a situação tem piorado nos últimos anos. O leque de doenças ocidentais que atacam os índios tem se expandido. Segundo o médico epidemiologista da Escola Paulista de Medicina Roberto Baruzzi — que fez parte das primeiras expedições da faculdade ao Parque Nacional do Xingu, lideradas pelos irmãos Villas-Boas —, é cada vez maior a incidência de epidemias “modernas” entre os indígenas.